

SCLIAR, Moacyr. *O texto: ou - a vida*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007. 272p.

## Escrever a vida, o texto

Cláudio Adriano Elias Soares\*

Escrevo há muito tempo. Costumo dizer que se ainda não aprendi não foi por falta de prática. Comecei cedo; minhas recordações de infância estão ligadas a isso: a ouvir e contar histórias.

Moacyr Scliar

Viver e escrever são duas tarefas quase impossíveis de se abarcar somente pela aprendizagem, pois sempre há, diante do leitor, o desafio e a possibilidade de aprender e crescer, crescer e aprender. Através da reescrita, da vida, dos textos, vive-se mais e melhor. Em *O Texto, ou: a Vida*, Moacyr Scliar guia o leitor pela narrativa de seus setenta anos de vida e seus, também, mais de setenta livros publicados. Um processo contínuo de ouvinte e contador, de aprendiz e de feiticeiro das palavras.

Em “A filosofia da composição”, de Edgar Allan Poe – em que se descreve o intrincado e matemático processo de criação do poema “O corvo” – mais do que o poema, aterroriza o leitor a sentença “teria a Literatura se reduzido a apenas engenharia de palavras?”. A obra de Scliar parece afirmar que não. Seus textos e sua trajetória literária coloca o leitor em contato íntimo com aquela literatura que toca o coração, porque resgata, da memória, a familiaridade da “contação” de histórias dos tempos de infância. Tempos em que o intelectualismo ainda não havia aprisionado a fantasia em argamassa ou definição técnica.

A experiência literária de Scliar começa, portanto, na infância. Ouvinte atento das histórias que seus pais, vizinhos ou parentes narravam, arquivava, na memória, não só as lendas, os mitos e a história judaica que ali, na comunidade judaica do bairro Bom Fim, em Porto Alegre, era freqüente, mas, também, o ritmo, a leveza e o humor desses contadores. Essa experiência deu ao pequeno Mico, depois, ao médico, ao escritor e acadêmico, Moacyr Scliar, a dicção própria, a voz própria de grande escritor brasileiro.

As sete partes de *O Texto, ou: a Vida* – como os sete dias da criação do mundo relatados no Gênesis – processos ou projetos literários, em que os retalhos de textos e leituras são, como a boneca Emília, de Monteiro Lobato, costurados, com maestria, com a linha autobiográfica do escritor.

Scliar começa, na primeira parte, com a análise sobre o seu trabalho do escritor, sua formação, que passa, necessariamente, pela sua condição de leitor e por todas as influências dos textos lidos que alimentam a imaginação de qualquer criança. E é a sua infância que é retratada na segunda parte, suas raízes e lembranças das cidades gaúchas de Passo Fundo e Porto Alegre. Nesse período, relata, descobriu um grande tesouro: a história que a imaginação é capaz de criar.

Na terceira parte Scliar relata sua experiência nos movimentos juvenis: utopias, marxismo-leninismo e, claro, ainda a companhia inseparável do texto literário, engajado é verdade, mas literatura. O caminho para a Faculdade de Medicina é apresentado na quarta parte. Nela registra, também, suas primeiras experiências literárias enquanto autor. Do Bisturi – jornal do Centro Acadêmico – sob a inspiração do seu dia-a-dia de estudante de medicina, passando pela narrativa bíblica e a construção de um singular bestiário formado de centauros e quimeras, delinea-se, a experiência incontestável de

um grande prosador contemporâneo, mas que, todavia, reconhece que “contar histórias é coisa antiga”.

A tradição judaica, que poderia compor esse arquivo de coisas antigas, imemoriais, é avaliado na quinta parte do livro, quando o já médico Moacyr Scliar vai trabalhar no Lar dos Velhos da comunidade judaica de Porto Alegre, além de marcar, também, sua viagem para Israel. Depois desses dois encontros com a memória e a desmemória dos velhos e, também, da terra bíblica, ancestral, Scliar investe em texto de fôlego maior: o romance. Na sexta parte do livro, o escritor reflete, também, sobre suas experiências em outros gêneros, como o ensaio, a crônica, a literatura infanto-juvenil.

E, como o símbolo do infinito que para desenhá-lo sempre unimos o último ponto ao primeiro, no fechamento do livro o autor retoma sua reflexão sobre o escritor e sua trajetória, ou aprendizado, que acaba por configurar-se como uma lição das coisas escrevíveis. Os textos, não somente esses que habitam entre uma capa e outra, mas todos que a imaginação puder criar, vão ganhando vida, tornando-se um mundo, a cada leitura. Ao fazer falar, ficcionalmente, aquele menino do bairro do Bom Fim, Scliar fala por e para todos os seus leitores, nem todos meninos, mas todos eternamente, jovens no aprendizado da vida, da literatura.

-----

**\*Cláudio Adriano Elias Soares** é Licenciado em Letras pela UFMG e professor de Literatura Brasileira em Belo Horizonte, Minas Gerais.